

LEE MARACLE E A CONTRAPOSIÇÃO DE TEORIA E PRÁTICA NO CANADÁ CONTEMPORÂNEO

Liane Schneider
UFPB

No prefácio da segunda edição do seu livro *I Am Woman*¹, Lee Maracle volta a destacar os propósitos de sua primeira edição: “continua sendo minha intenção apresentar uma perspectiva sociológica a partir do ponto de vista da mulher indígena quanto aos impactos que o colonialismo impôs as nossas vidas”. Além desse, seus outros propósitos ficam claros, ou seja, fazer com que as mulheres indígenas possam expressar suas perspectivas sobre espiritualidade, cultura, mulher e soberania a partir de um lugar livre, na medida do possível, da influência sexista e racista.

Apesar de ser construída num constante diálogo com a vida pessoal da autora, *I Am Woman* não é uma autobiografia típica, já que extrapola o terreno da experiência, visitando o campo do ensaio e tecendo teorias e pareceres sobre a vida dos índios em geral e, principalmente, de sujeitos femininos indígenas contemporâneos. Essa liberdade em relação a gêneros é, aliás, característica da cultura indígena segundo vários críticos. Enquanto seus antepassados faziam uso da tradição oral para fundamentar as histórias que criavam e contavam, os escritores indígenas da atualidade, além de visitar essas mesmas fontes orais, apropriam-se de gêneros mais afinados com a cultura ocidental, fazendo cruzamentos entre esses e, dessa forma, abrindo fronteiras temáticas, literárias e culturais. É nesse sentido que Lee Maracle constrói *I Am Woman*. Nesse texto ela contrapõe aquilo que aprendeu com os idosos que freqüentavam sua casa durante a infância com a realidade que permeia a vida dos jovens indígenas da atualidade, buscando destacar e compreender as mudanças culturais e sociais ocorridas.

¹ MARACLE, Lee. *I Am Woman: A Native Perspective on Sociology and Feminism* Vancouver : Press Gang Publishers, 1996.

Maracle afirma ter ficado chocada aos vinte e um anos de idade com os conceitos sexistas proferidos por jovens indígenas. Segundo ela, ninguém que havia crescido dentro da cultura nativa teria ousado duvidar da inteligência das mulheres dez anos antes. Como tal sexismo cresceu em consequência de anos de desvalorização, exploração e opressão do povo indígena ao longo da história pós-colonial, a luta por direitos iguais no espaço privado que o feminismo da época (anos 70 e 80) defendia como prioridade passou a interessar às mulheres indígenas, mas não era o bastante. Havia um complicado inter cruzamento de eixos opressivos que precisava ser desmontado. Maracle acredita que a violência e a exploração lateral que se percebe entre indígenas norte-americanos da atualidade resultou tanto desses eixos opressivos sobrepostos como da ampla definição desses povos como subcategoria destinada ao fracasso (*The Vanishing Theory*). É nesse âmbito da violência lateral que ela localiza a recente violência de mulheres e homens contra as crianças, e dos homens contra as mulheres, algo que não teria lugar dentro de sistemas indígenas tradicionais.

Hoje, quando intelectuais indígenas buscam recriar estruturas destruídas ao longo do período colonial e pós-colonial, esses se deparam com um vácuo enorme. Maracle afirma “sentir-se, por vezes, ridícula ao tentar remover três montanhas: a do racismo, do sexismo e da opressão nacionalista com uma colher de chá apenas” (ix). Insinua, assim, que ainda não dispõe dos devidos instrumentos que poderiam permitir aos indígenas e, principalmente às mulheres nativas, destruir de fato tais engrenagens opressoras.

Em seu livro de contos *Sojourner's Truth and Other Stories*² e mais especificamente no conto ‘Who's Political Here?’, Lee Maracle traz à tona alguns pontos das discussões teóricas que permeiam o feminismo, os estudos indígenas e suas próprias perspectivas sobre tais questões. Construído e definido como conto, portanto, narrativa ficcional, o texto deixa escapar alguns sinais autobiográficos, o que mais uma vez aponta para a não rigidez de estilos e fronteiras de gênero na cultura indígena. Em *I Am Woman*, Maracle comenta “ser a prática

² MARACLE, Lee. *Sojourners Truth and Other Stories*. Vancouver: Press Gang Publishers, 1990.

de muitos escritores ficcionalizar a realidade e prostituir suas fantasias, o que seria chamado de ‘licença artística’”; nesse sentido, ela confirma que também tomou histórias de sua própria vida e da vida de outros e acrescentou algumas fabricações de sua imaginação, reescrevendo-as como suas (96:5).

O conto “Who’s political here?” apresenta uma mulher, que por vezes se autodenomina ‘Lee’, uma dona de casa, mãe de duas meninas, cujo marido é membro de um grupo político defensor de minorias no Canadá. A cada parágrafo do texto a pergunta explicitada no título do conto volta à tona - “Who’s Political Here?”, questionando quem, afinal de contas, estaria sendo político naquele contexto.

Enquanto a protagonista cuida das crianças, da casa, faz as compras, cozinha, recebe os amigos do marido para jantar, almoçar, o marido limita-se a lhe repetir a pergunta: “Quando você vai lavar minha roupa? Eu não tenho mais nada para vestir...” O diálogo interno da dona de casa ironiza a atitude daquele homem adulto, membro de um grupo revolucionário, com um olhar infantil suplicando que ela lhe arranje algo para vestir. Ela percebe a insinuação do marido de que há meses ela não lava roupas e também que não fez nada produtivo durante todo esse tempo. A pergunta só cala quando o marido anuncia: “Vou panfletar no centro”. Antes de sair para tal atividade tida por ele como séria e realmente política, volta a insistir que ela não deixe de arranjar suas roupas. Maracle constrói aqui uma superposição de relações de poder e opressão apresentada dentro de um contexto irônico. Enquanto o marido luta contra a opressão racista, contra a discriminação étnica dentro da nação em que vive, ele não é sensível para a opressão que exerce dentro de sua casa. Segundo a autora, é a mágoa e o sentimento de derrota entre sujeitos de grupos minoritários que provocam a violência e exploração lateral, corroendo o sistema de valores tradicional. Portanto, nesse episódio do conto analisado, a simples reivindicação de divisão de tarefas não

aparece em destaque, e sim, o que se busca é apontar esse repasse de opressões que ocorre dentro de um sistema onde a frustração está imposta *a priori*.

Sendo o espaço temporal do conto relativamente curto, nesse mesmo dia acontece uma relação sexual entre a protagonista e Frankie, um amigo de seu marido. Quem passa a sentir-se mal logo após o ato é Frankie, que ao questioná-la com a frase “Como nós ficamos?” ouve uma resposta convicta – ‘não existe um **nós**’ - que o deixa perplexo. Ela se pergunta se parte da massa cinzenta daquele homem teria sido expelida juntamente com seu esperma minutos atrás. Frankie se sente ainda pior quando outro companheiro político traz notícia de que Tom acabara de ser preso por panfletar. A esposa não consegue conter uma gargalhada, achando graça que alguém ainda consiga ser preso por tal ato no Canadá contemporâneo. Quando os amigos querem organizar uma coleta para tirá-lo da cadeia, ela diz que não quer reuniões na casa e pede para ficar só. Frankie, promovido a amante há poucos minutos, resolve lhe dizer que o marido não gostaria de vê-la tratando seus amigos daquela forma, ao que ela responde que ele tampouco gostaria de ver os amigos usando o corpo da esposa durante sua ausência. Chocado, Frankie deixa a casa, tentando ainda agredi-la no terreno privado - afirma que suas filhas são selvagens, maleducadas, que a casa é um zoológico.

Assim que Frankie sai, a esposa compreende porque ele não sabe lidar com ela após o coito - uma mulher inexperiente, circunstancialmente adúltera e sem sentimentos de culpa é algo que ele não consegue elaborar. Isso está fora do padrão que eles, sujeitos de minorias no Canadá contemporâneo, foram lentamente incorporando tais como os padrões ocidentais da culpa, do comportamento duplo, da hipocrisia, do sexismo. Assim que Frankie bate a porta a protagonista se permite um momento de insight, um turbilhão de idéias completamente novas atravessam sua mente. Quando está quase voltando para suas perspectivas mais seguras e sem sobressaltos vê a imagem da avó, falecida há doze anos. A avó a aconselha a deixar o turbilhão de idéias chegar e passar, sem ter medo do temporal passageiro. Sustentada pela

figura da avó, ela consegue concluir: “Sim, minhas filhas são selvagens; selvagens, não domadas, não conquistadas e quero garantir que elas continuem assim” e adormece sorrindo (90: 38).

Considerando os dois textos de Lee Maracle, é possível identificar um elo entre seus discursos teóricos e ficcionais. Algumas das preocupações e considerações que ela explicita em seus textos teóricos ressurgem pelo menos nesse conto que ela cria. Podemos observar o fato de Maracle construir a figura da avó como segurança e referência para uma mulher mais jovem. Em *I Am Woman*, fica claro que a avó surge em vários textos de escritoras indígenas como uma composição de figuras que servem como lastro da cultura nativa como um todo. Maracle ainda afirma ter aprendido que, “se você viver corretamente, suas avós tomarão conta de você” (96: 6). Assim, ela vislumbra mudanças políticas na macro e microestrutura da sociedade em que está inserida através do conhecimento tradicional do seu povo, repassados pelos mais idosos ou por sua presença permanente na cultura. Se os ditames do patriarcado exigem que as mulheres indígenas estejam abaixo dos homens indígenas e os ditames do racismo afirmam que os homens indígenas estão abaixo das mulheres brancas (96: 17-18), tais arranjos culturais impostos podem e devem ser questionados e os textos literários de Lee Maracle pretendem fazer parte da reescritura dessa estória.

Em *I Am Woman*, Maracle também expõe seus processos pessoais até chegar ao feminismo. Conforme relata, em 1978, no Dia Internacional da Mulher, ela fez a apresentação de um filme sobre índios e o processo de colonização, e lembra que naquele momento negou completamente o fato de ser mulher. Só mais tarde pode concluir que a ideologia racista tinha definido a condição da mulher indígena como inexistente, o que ela internalizara de forma inconsciente. Assim, ela só existia como indígena, mas não como sujeito feminino, já que as mulheres do seu grupo não eram percebidas como mulheres de fato pela sociedade dominante. Somente com o passar dos anos e a crítica construtiva de outros indígenas é que ela conseguiu

perceber que exatamente por ser indígena e mulher é que construía seu olhar específico sobre essas duas posições. Maracle afirma sentir remorsos pelas mulheres que assistiram a tal vídeo em 78, mas conclui que a partir daí ela acordou para as questões de gênero, de onde resultou o título do livro - *I Am Woman*. Maracle pôde perceber que, apesar de não ter semelhança com as louras padronizadas dos outdoors da América do Norte, o padrão de mulher dentro da nova ordem pós-colonial, ela é mulher e indígena, e está interessada em defender a capacidade de movimento e ação de qualquer sujeito feminino.

Ao mesmo tempo, a autora destaca que, ainda hoje, suas participações em qualquer evento feminista só acontecem quando sua presença for marcadamente indígena, o que ela compreende, mas não aprova. Talvez isso explique o fato de seu conto ‘Who’s Political here?’ ser extremamente neutro em termos de marcas culturais – ao lê-lo, sabemos estar ali representada a perspectiva de uma mulher de alguma minoria canadense, mas não são colocadas marcas especificamente da cultura indígena, talvez sendo a inserção da figura da avó o único indício mais pungente. Lee Maracle parece querer falar da realidade das mulheres indígenas da atualidade sem ter necessariamente de delimitar tanto sua diferença ou seu essencialismo. Afinal, ela afirma que escreve para ter certeza de que está viva e resistindo. Em *I Am Woman* ela faz uma observação fundamental para qualquer sujeito pós-colonial – “O resultado de ser colonizado é a internalização da necessidade de se permanecer invisível” (96: 8). Nesse sentido, escrever é tornar o sujeito e suas questões visíveis. No caso de Maracle pode-se concluir que ela fala ou escreve **em nome de** e **para** várias outras mulheres. Ela reconhece que a negação de sentimentos que definiu as mulheres indígenas aos olhos da cultura colonizadora foi uma forma de excluí-las de qualquer conceito de ‘mulher’. O movimento feminista, por outro lado, também excluiu várias minorias em seus primórdios. Maracle nos lembra que Sojourner Truth já questionou as feministas brancas há mais de cem anos com a pergunta : “Ain’t I a woman?” e conclui que essa pergunta também cabe em

relação às mulheres indígenas. Segundo Maracle, isso ainda precisa ser respondido pelas feministas brancas, ou seja, essa questão da diferença entre mulheres não é secundária, e sim, central para a questão das mulheres em geral. Ela, por sua vez, parece já ter respondido tal questionamento através da frase que virou título de livro, 'I Am Woman!!'. E é por acreditar na possibilidade de coalizões que Maracle também defende o papel do *trickster* a ser assumido por cada leitora ou leitor de sua obra, capaz de arquitetar uma grande transformação social através da construção de sua leitura.